



EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: O AUTISMO NA ESCOLA EMEF ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO EM ARACAJU/SE

CLAUDIA LAIS COSTA DA SILVA
MÁRCIA PENNA FIRME DE SÁ CAVALCANTI
MAGNA MARIA DOS SANTOS

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

RESUMO

Este artigo traz como objeto de estudo a vivência do aluno autista “Thiago” matriculado na escola EMEF Arthur Bispo do Rosário na cidade de Aracaju no Bairro São Conrado. Nosso objetivo foi analisar algumas problemáticas, acerca da inserção de alunos com autismo em uma escola regular de Ensino, analisando-se a socialização e aprendizagem de portadores de TEA-(Transtorno do Espectro do autismo) na rede pública de ensino, na qual se encontram educadores muitas vezes despreparados para o atendimento necessário a esses alunos. A escola deverá preparar-se, bem como os seus programas, para atender a diferentes perfis, visto que os autistas podem possuir diferentes estilos e potencialidades, e precisa garantir uma educação adequada e favorecer o desenvolvimento desses alunos na construção de sua aprendizagem, e de sua permanência nas salas de aula. Foram utilizados como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo realizada na escola acima mencionada, a pesquisa foi evidenciada com base em um aluno Portador do Autismo. Concluímos que a afinidade e a preocupação dos professores com o aluno, e entender a importância de o professor ser um conhecedor da concepção do autismo e no desenvolvimento infantil.

PALAVRAS-CHAVE : Inclusão, aprendizagem, autismo, professor.

ABSTRACT

This article has as its object autistic students at school REFER Arthur Bispo do Rosário in the city of Aracaju at Bairro São Conrado. Our objective was to analyze the problems, advantages and disadvantages of entering students with autism in a regular school, analyzing the socialization and learning of TEA-(autism spectrum disorder) in public schools, in which educators are often unprepared for the necessary assistance to these students. The school should prepare, as well as its programmes, to meet the different profiles, whereas the autistics may have different styles and potentialities, and need to ensure a proper education and encourage the development of these students in the construction of their learning, and their stay in the classrooms. Were used as methodological procedures the bibliographical research and field research carried out in the above cited. We conclude that the affinity and concern of teachers with the student, and understand the importance of the teacher being a connoisseur of conception of autism and child development.

KEYWORD: Inclusion, learning disabilities, autism, professor.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a história de vida do aluno Thiago Santos Ferreira Souza, portador de autismo, matriculado na Escola Artur Bispo do Rosário, na cidade de Aracaju, em 2013. Nosso objetivo foi analisar o desempenho do aluno autista em uma sala de aula regular. Sabemos que as propostas curriculares desenvolvidas nas escolas, dificilmente são modificadas, pois são preparadas em função dos conteúdos disciplinares. A escola deve participar do desenvolvimento do aluno nos âmbitos social, interpessoal, pessoal e profissional, e, portanto, à depender

do nível do transtorno, ensinar crianças com necessidades educacionais especiais, mais especificamente os portadores de Autismo, ainda é um desafio. No momento em que a inclusão se tornou realidade, a escola passou a atender esse novo aluno ao mesmo tempo em que aprendia a fazer isso. Hoje, são comuns os casos de professores que recebem um ou dois alunos com transtorno do espectro do autismo (TEA) e se sentem ainda sem apoio, recursos ou formação para executar um bom trabalho.

Trabalhar com alunos autistas deve-se ter como princípio conhecer seus interesses e necessidades, isso significa saber tudo sobre o autismo e da história de cada criança, sua família, as características de sua faixa etária e a fase do seu desenvolvimento em que se encontra. Assim compreendemos quais reais possibilidades dessas crianças aprenderem, mesmo com suas limitações.

Dentro desse contexto, questiona-se: Será que a educação inclusiva na rede pública municipal da cidade de Aracaju/SE não passa de uma manobra das políticas públicas para se livrarem do problema da exclusão inventando uma inclusão inexistente? A escola tem profissionais devidamente qualificados para receber os portadores de necessidade especiais, material didático e espaço que possa atender as necessidades específicas dos alunos?

Justificamos a escolha do tema pela afinidade com a temática inclusão, que através de experiências pessoais nos interessamos em conhecer um pouco sobre a vivência em sala de aula dos portadores do TEA em escola pública, onde existem profissionais ainda longe desta realidade que é o autismo, pois a sociedade se preocupa apenas com as questões pedagógicas desses mestres, esquecendo que eles também necessitam de apoio psicológico adequado para desenvolverem um trabalho qualificado com alunos desse porte.

A vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência. Afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças esses são os primeiros passos rumo à vida adulta. Será que os professores da escola Arthur Bispo do Rosário estão preparados para alfabetizar? Eles têm apoio e incentivo pedagógico e psicológico para ensinar alunos autistas?

Nosso objetivo foi compreender como o aluno autista aprende, assim fez-se necessário identificar a formação das professoras, averiguar o currículo; identificar o tratamento dos alunos autistas em sala de aula; analisar a importância da inclusão de crianças portadoras de autismo em uma escola regular da rede pública na cidade de Aracaju; inserir as práticas pedagógicas com os alunos autistas; as contribuições dos professores para o desenvolvimento da criança portadora de autismo.

Os procedimentos metodológicos foram à pesquisa bibliográfica, documental, iconográfica e a metodologia da história oral fundamentada na História Social e Cultural Inglesa através dos autores E. P. Thompson e Raphael Samuel que trabalham na perspectiva da história vista de baixo, assim foi utilizado o conceito de memória dos autores já citados, nisso realizamos entrevistas com o aluno autista, a professora, os pais e coordenação da escola.

Por exercermos a função de professoras e atuantes na área da educação, percebermos a necessidades de profissionais capacitados na especialidade em educação inclusiva, especificamente o autismo presente hoje na sala de aula, sendo um transtorno leve ou de grau mais elevado.

2 CONHECENDO O AUTISMO

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de setenta milhões de pessoas no mundo são acometidas pelo transtorno, sendo que, em crianças, é mais comum que o câncer, a aids e o diabetes. Caracteriza-se por um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, e, dentre elas, a mais comprometida é a interação social. No entanto, não significa dizer, em absoluto, que a pessoa com autismo não consiga e nem possa desempenhar seu papel social de forma bastante satisfatória. (SILVA, 2012, p.11)

O conhecimento atual do autismo é fruto de uma parceria de pesquisadores comprometidos e pais que dedicam suas vidas a zelar por seus filhos. No Brasil, os cuidados mais efetivos têm apenas três décadas de vida e se devem, à coragem de algumas famílias desbravarem fronteiras na luta pelo tratamento do autismo. (SILVA, 2012, p.13)

2.1 LEIS E DIRETRIZES

Na década de 1990, a Lei de diretrizes de base determinou que as escolas devessem aceitar em classes “normais” alunos portadores de deficiências especiais, essa obrigatoriedade não foi gerenciada com a responsabilidade de qualificar os profissionais para de fato incluir.

Um discurso das políticas públicas atraentes e até fascinante, mas que não obteve o resultado que todos gostaríamos, já que milhares de alunos com diversas deficiências foram lançados em salas de classe normais sem a devida preparação desses espaços e profissionais. A inclusão também provocou a exclusão. Problema que hoje as políticas

públicas estão repensando em como gerenciar. Conforme o artigo 54 do Estatuto da Criança e do Adolescente é obrigação do Estado garantir atendimento educacional especializado a pessoas com deficiência, preferencialmente na rede de ensino, já que todo jovem tem direito a educação para garantir seu pleno desenvolvimento como pessoa preparada para o exercício da cidadania, e qualificação para o trabalho.

Para Silva (2012, p.233):

“A inclusão é uma política que busca perceber e atender as necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos”. Na proposta de educação inclusiva, todos devem ter a possibilidade de integrar-se a um ensino regular, mesmo aquelas com deficiências ou transtornos do comportamento sem defasagem de idade em relação à série.

Ainda de acordo com Silva (2012, p.) “a Lei nº 12.764/2012, Art. 2º. A pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.” Esta lei protege os direitos das crianças, jovens e adultos com o Transtorno do Espectro do Autismo (SILVA, 2012). Nisso percebemos o papel das políticas em direitos humanos no combate ao preconceito e, principalmente de legitimar os portadores de TEA.

2.2 HISTÓRIA DO AUTISMO

Plouller (1906, p.13) introduziu o termo “autismo” na psiquiatria ao estudar pacientes com demência precoce (atual esquizofrenia). Mas em 1911, Eugen Bleuler, foi o primeiro a difundir o termo autismo, definindo-o como perda de contato com a realidade, causada pela impossibilidade ou grande dificuldade na comunicação interpessoal.

O autismo foi pela primeira vez descrita cientificamente em 1943, no artigo “Distúrbios autísticos de contato afetivo”, do psiquiatra infantil austríaco Kanner (1943). Desde então o conceito passou por algumas transformações que ajudaram a ampliar o campo de compreensão da psicodinâmica dessa síndrome. Esse mesmo cientista criou o conceito da “mãe geladeira” ao descrever o comportamento observado, por ele, nas mães de crianças com autismo, pois referiu que elas apresentavam contato afetivo frio, mecanizado e obsessivo, apesar do alto grau de desenvolvimento intelectual. Segundo Kanner (1943), o autismo era causado por pais altamente intelectualizados, pessoas emocionalmente frias e com pouco interesse nas relações humanas da criança.

Em 1979, o pesquisador Rutter estudou e definiu o autismo como uma síndrome comportamental originada por fatores orgânicos, considerando quatro traços principais que caracterizariam crianças portadoras de autismo: a) presença de comportamento motor bizarro que se manifesta através de brincadeiras limitadas, repetitivas e de cunho realísticos; b) prejuízo grave nas interações sociais; c) uma incapacidade para elaborar uma linguagem responsiva; d) início da síndrome anterior à idade de 30 meses. O pesquisador também chamou a atenção para os comportamentos individuais que cada caso poderia apresentar.

No Brasil, o Dia Mundial de Conscientização do Autismo tem conseguido cada vez mais adeptos e pessoas engajadas. Em 2010, pela primeira vez, a data foi lembrada no dia 2 de abril com iluminações azuis (cor definida para o autismo) de vários prédios e monumentos importantes. Esse foi o marco para que o Brasil entrasse de vez no roteiro dos países que apoiam o WAAD (World Autist Awareness Day).

A primeira organização brasileira foi a Associação de Amigos dos Autistas (AMA), em São Paulo, oficialmente fundada em oito de agosto de 1983, por um grupo de pais, a maioria com filhos portadores de autismo. Esses pais tinham como objetivo acolher, informar e capacitar famílias e profissionais, com um papel social e de pesquisa amplo de ajuda a todas as famílias com autismo da cidade, do estado e do país. Em novembro de 1984 ocorreu o “I Encontro de Amigos do Autista”, promovido pela AMA. Este encontro reuniu médicos e outros profissionais do país que estudavam o autismo naquela época, e algumas instituições que atendiam crianças com o transtorno.

2.3 O AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

É possível que simplesmente sempre existiram várias crianças com Autismo e não eram diagnosticadas; agora com o maior número de profissionais lidando com a saúde infantil e com melhores informações à respeito, propiciou-se maior possibilidade de diagnósticos. (ASSENCIO-FERREIRA, 2005 p. 102)

O autismo pode ser percebido nos primeiros anos de vida da criança. Uma das estratégias é a observação da pessoa responsável no processo de desenvolvimento da criança, uma vez que segundo Silva (2012, p.20) “a criança autista

apresenta os primeiros sintomas antes dos três anos de idade.”

As características presentes nos autistas são os interesses limitados e comportamento repetitivo, seus movimentos corporais são estereotipados, seguem rotinas com todos os detalhes, essas características são notadas pelos pais ou por pessoas mais próximas quando acompanham o desenvolvimento de suas crianças.

O desenvolvimento cognitivo e social é afetado por falta de interação com o mundo que os cerca, os autistas são mais tímidos e tendem a ficar afastadas dos grupos. Nota-se que elas apresentam certa dificuldade de se relacionar com outros da mesma idade, não gostam de contato físico, mesmo dependendo do grau, leve ou mais grave, têm grande dificuldade de comunicação e certa timidez ao se aproximar.

Geralmente os autistas são solitários, e quando chega à fase da adolescência tem poucos amigos, algumas permanecem com comportamentos repetitivos (ecolalia), e acompanhados de agressividade em momentos de frustração.

As causas do autismo ainda são desconhecidas, não há maior clareza. Em muitos casos a criança apresenta retardo mental e convulsões, como também doenças genéticas. Por enquanto apenas suposições e estudos de comportamentos de indivíduos com TEA.

Muitos pesquisadores e estudiosos buscam respostas para as causas e consequências do autismo, alguns chegaram a fazer um experimento no qual, crianças com autismo, eram comparadas a outras, relacionadas como grupos de controle, enquanto desenvolviam certa atividade e, como resultados, as crianças autistas apresentaram dificuldades e deficiências no aprendizado correto para chegar ao fim desejado, demonstrando assim maior insistência na estratégia incorreta e demonstrando um déficit maior na capacidade de planejamento para atingir uma meta (BOSA, 2000).

Para a Organização Mundial da Saúde (CID 10,1992) o autismo é classificado como uma “desordem abrangente do desenvolvimento, definido pela presença de desenvolvimento anormal e/ou comprometimento que se manifesta antes da idade de três anos e pelo tipo de funcionamento caracterizado por déficits qualitativos na interação social recíproca e nos padrões de comunicação e por repertórios de atividades e interesses restritos, repetitivos e estereotipados” (APARJ, 1998).

A mãe ao amamentar seu bebê, pode observar através do olhar se este corresponde aos estímulos do ambiente.

2.4 A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS AUTISTAS

A Educação Especial recebeu maior destaque na LDB n.º 9.394/96, com o artigo 58 que diz: Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais;

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições

privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Parágrafo único. O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Brandão (2007) observa que no Capítulo V da lei, que trata da questão da Educação Especial, possui apenas três artigos, porém, se forem cumpridas integralmente todas as disposições neles contidas, o Brasil certamente será considerado uma referência mundial nesse assunto.

A palavra incluir significa inserir, e nossos meninos precisam estar inseridos em salas de aula com professores capacitados e preparados para o desenvolvimento e aprendizagem, um ambiente adequado e acolhedor. Pensar em inclusão é pensar em um ambiente inclusivo, não somente nos recursos pedagógicos, mas nas qualidades dos profissionais, pois muitas vezes nos deparamos com ambientes acolhedores, mas sem profissionais com especialização e devidamente preparados para execução de um trabalho com qualidade.

Segundo Mantoan (2006), a 'inclusão escolar' é incompatível com 'integração escolar' uma vez que a primeira exige uma inserção mais radical, completa e sistemática do que a segunda. A começar pelo fato que na proposta da inclusão, TODOS os alunos devem frequentar uma sala de aula comum do ensino regular, sem exceções, e ainda que os alunos com deficiência não tenham um atendimento e um currículo diferenciados dos demais discentes.

3 UMA VISÃO SOBRE A APRENDIZAGEM DO ALUNO THIAGO FERREIRA, NA ESCOLA ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Nossa pesquisa partiu do momento em que a inclusão de crianças com necessidades especiais (autistas), faria parte de nosso convívio diário em sala de aula, então surgiram nossos questionamentos sobre como alfabetizar essas crianças e inseri-las no contexto educacional pra não permitir que sejam apenas meros expectadores. O querer entender e saber sobre o autismo e como lidar com esses novos alunos, nos deu a capacidade de ir em busca de informações. Ter profissionais preparados, atualizados, e sintonizados na escola faz toda diferença na vida dos autistas. Eles precisam ter a liberdade para aprender à seu tempo, e para isso é preciso que suas atividades estejam preparadas e adaptadas, que sejam inseridos nas brincadeiras na hora da recreação juntos com seus amigos. Uma escola preparada, é uma escola adaptada para receber alunos com deficiência mental, para isso se faz necessário que todo o corpo docente estejam preparados, que conheçam o caso de perto, e que suas práticas pedagógicas sejam revistas, rica em experiências educativa, pois, a maneira de como lidar, e de resolver conflitos, deve partir de um bom relacionamento, entre professor e aluno.

Quando resolvemos sair pra essa pesquisa, tivemos a informação de que a Escola Arthur Bispo do Rosário seria a única escola que realmente teria alunos com diagnóstico fechado de autismo. Nosso aluno "Thiago", tem um tipo de autismo leve, mas com algumas alterações na fala, as vezes com um comportamento de agressividade, principalmente, quando há mudanças em suas rotinas, o mundo do autista é bastante organizado, e não aceita muito mudanças em suas rotinas. É importante sabermos utilizar instrumentos que nos levem além dos teóricos, os práticos, onde a observação parte de toda nossa ação com perfeita sintonia com todos que estão em contato com o mundo dele. Descobrir como eram as ações tanto da parte dos professores, como dos outros funcionários foi bastante satisfatório, observamos que todas as crianças brincavam juntas, e não tinha como distinguir no momento quem realmente era portador da síndrome. Uma outra coisa que observamos em nosso estudo, é que ele corria no meio dos outros, e os meninos respeitavam suas limitações, segundo os zeladores informaram que "no começo havia sido difícil, pois o Thiago, não sabia brincar, gostava de empurrar os colegas, além de bater, beliscar e morder, mas que com o tempo, ele começou a se adaptar com seus colegas, ao qual compreenderam que ele era diferente, e que precisava brincar também". Na sala de aula era um aluno que não ficava muito tempo sentado na maior parte da aula chegava atrapalhar, pois não tinha ajudante de classe, como era de direito, ter um cuidador de sala. A partir de todas as informações sobre o aluno, buscamos dividir em partes nossa pesquisa.

3.1 A PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA

Iniciamos com a leitura teórica, já que precisamos ter maior proximidade dos teóricos para nos fornecer informações necessárias, e refletirmos a respeito do tema escolhido, a princípio não tínhamos um conhecimento aprofundado sobre o autismo. Saber um pouco do assunto nos deu uma aproximação maior do aluno quando fomos conhecer, pois não bastava apenas conhecer-lo, mas saber lidar e conversar com ele no momento em que nos aproximamos. Daí

buscamos compreender esse mundo azul e fantástico que é o mundo dos autistas. E em seguida fizemos a revisão bibliográfica a fim de aprofundar os conhecimentos sobre as políticas da educação inclusiva e o autismo. Pois é recomendável a atualização dos profissionais e a adaptação no currículo escolar para que a inclusão aconteça da melhor maneira possível.

3.2 A SEGUNDA ETAPA DE PESQUISA

Elaboramos um questionário aberto para coletarmos dados a respeito do aluno autista "Thiago" na escola, e em seguida realizamos uma entrevista semiestruturada com a coordenadora, professora e a psicopedagoga, que trabalha diretamente com todas as crianças com déficit de atenção e aprendizagem em uma sala de apoio. Após realizarmos as abordagens com a equipe da escola, buscamos em todo tempo nos aproximar mais da história do aluno, afim de aprimorarmos nossos conhecimentos. Como também nos deu subsídios para desenvolver a nossa pesquisa.

3.3 METODOLOGIA

Conforme relato da educadora Nadja Maria de Deus Santos., referiu-se que o aluno Thiago ao chegar à escola, era muito agressivo e tinha dificuldade no aprendizado, mas não houve rejeição por parte dos alunos, eles reagiram de forma normal só que o mesmo batia nos coleguinhas, então o explicava que não podia bater. O tempo foi passando e a professora notou que tinha algo de errado com Thiago, menino de classe baixa, morador de periferia do bairro Santa Maria, filhos de pais portadores de necessidades especiais também. Encaminhou o caso a psicopedagoga que juntamente com a equipe diretiva da EMEF Arthur Bispo do Rosário encaminhou o aluno ao CREESE para diagnóstico, apresentando dificuldade de aprendizagem e distúrbio de comportamento. Onde os dados da avaliação sugerem que as dificuldades de aprendizagem apresentadas são decorrentes de problemas emocionais agravadas pelos ambientes sócios educacionais inadequados. Ao saber que estava lidando com um autista, a professora não sabia como trabalhar com essa criança, pois não conhecia nada sobre o autismo, mas que buscou superficialmente conhecer, onde obteve alguns direcionamentos de como trabalhar com este aluno, pois sabia que teria dificuldades de mantê-lo por mais tempo em sala de aula, sabendo também que não teria nenhum tipo de ajuda por parte dos pais em casa, já que ambos também teriam o mesmo problema de saúde mental, e por não terem instruções educacionais. Sentindo-se insegura e com dificuldade ao compreender o aluno, teve que trabalhar juntamente com a psicopedagoga, na qual o autista via os assuntos explicados pela professora e depois trabalhava a coordenação motora e a parte social do mesmo.

Com relação ao desenvolvimento de quando Thiago chegou à escola até os dias de hoje. Houve um grande avanço, com o trabalho desenvolvido pela psicopedagoga e a equipe de apoio, não só com aluno Thiago, mas os outros alunos autistas. Ele passou a interagir mais nas aulas e não ficar tão isolado como era antes, conseguia brincar e a ser participativo nas atividades que eram desenvolvidas na sala de apoio e se mostrava carinhoso com a pedagoga Nadja Maria. Através do gráfico verificaremos o avanço do aluno:

&12288;Percebe-se, a partir desses dados que o aluno "Thiago" teve acompanhamento de seu desenvolvimento escolar. Através do gráfico, podemos ver o avanço desse desenvolvimento, onde em 2010, o aluno era muito agressivo, não aceitava as mudanças que eram propostas pela escola, por ser uma característica do autismo, de não aceitar mudanças em suas rotinas, alguns funcionários também sofreram em se adaptarem ao jeito dele, daí a adaptação do ambiente, onde tinha um quadro com toda a sua rotina na escola. No momento da interação, era difícil, inseri-lo nas brincadeiras com os colegas principalmente no horário da recreação, como também ocorria muitas vezes na sala de aula, não parava sentado, e seu desempenho no rendimento escolar era baixíssimo por conta da falta de comunicação e agressividade, não conseguia se concentrar, nem ter atenção no momento das explicações da professora.

Se observarmos, em 2013, o aluno apresenta quase que 90% do seu desempenho, já a agressividade estava bem abaixo, o que antes comprometia sua socialização e sua concentração na aula, agora estava com boa comunicação de forma efetiva. Para está em completa harmonia, foi preciso haver mudanças no ambiente escolar, e o primeiro passo foi buscar subsídios para melhor atender o aluno autista.

Perguntamos a diretora da escola Arthur Bispo por que não enviar seus professores para fazer o curso do TEACCH, que é um método usado para o desenvolvimento da criança autista, sendo um método psicoeducacional ao qual já vem sendo usado em algumas escolas especiais e por profissionais como: psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, pedagogos e terapeutas ocupacionais.

O TEACCH é um modelo de trabalho, uma filosofia, um modelo de ensino, ele organiza, fornece rotinas com previsibilidade, orienta no começo, meio e fim, adequa materiais e o ambiente, foca o relevante. O objetivo do uso do TEACCH é facilitar o acesso ao potencial individual do indivíduo autista, obter o máximo de competência para a vida inteira, favorecer o desenvolvimento de habilidades, satisfazer as necessidades humanas fundamentais de dignidade, segurança e auto-confiança.

A Educação inclusiva na Escola Municipal Arthur Bispo, busca atender as necessidades dos alunos portadores de autismo num sistema regular de ensino, de forma que promova a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal. Na proposta da educação inclusiva, todos os alunos devem ter a possibilidade de estar regularmente matriculado na escola. A inclusão escolar teria o objetivo nobre de colocar as crianças em contato com seus pares, o que facilitaria seu desenvolvimento e ensinaria a todo o grupo que é possível conviver com a diversidade. (SILVA, 2012, p.233)

Nossa prática deve ser uma prática de afetividade direta, coberta de amor, dedicação e compreensão, para que este aluno, sinta-se cidadão do mundo real.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho apoiou-se em compreender como se estabelecem as relações dos alunos autistas com o professor de uma sala de aula regular de ensino, como os docentes influenciam no processo de ensino-aprendizagem, pois entendemos que o processo educativo hoje precisa abranger uma proposta de educação para alcançar todos os indivíduos, independente de suas características físicas, mentais, sociais, sensoriais ou intelectuais.

Para orientar nosso estudo, foram utilizadas algumas questões para a construção dessa pesquisa, ou seja, será que a educação inclusiva na rede pública municipal da cidade de Aracaju/SE não passa de uma manobra das políticas públicas para se livrarem do problema da exclusão inventando uma inclusão inexistente? A escola tem profissionais devidamente qualificados para receber os portadores de necessidade especiais, material didático e espaço que possa atender as necessidades específicas dos alunos? Os professores da escola Arthur Bispo do Rosário estão preparados para alfabetizar? Eles têm apoio e incentivo pedagógico e psicológico para ensinar alunos autistas?

O principal objetivo foi entender a importância do professor ser um conhecedor da concepção do autismo e no desenvolvimento infantil, identificando aspectos que podem contribuir no desenvolvimento da criança autista, e como aplicar os métodos adequados e aprendidos em sala de aula sem causar prejuízos nos outros educando. A criança autista procura na escola também estabelecer a relação de trocas de experiências e a afetividade com outros indivíduos da mesma espécie, e nada melhor que inserir os meninos autistas na escolar regular. Então todos os professores devem estar capacitados e preparados para recebê-los.

Conhecer melhor este público é o ponto inicial para o processo de aprendizagem, é quando se estabelece o vínculo entre a criança e o educador. Receber crianças autistas na educação infantil é iniciar um processo educacional ao qual este levará ao longo da vida o seu desenvolvimento intelectual. Quando a criança ingressa na escola, ela busca o acolhimento, a paciência em respeito ao seu processo de desenvolvimento. Pois o espaço escolar tem diferentes significados e isso é resultado das relações com outras crianças e da afetividade que ela desenvolveu com seu professor.

Percebendo as relações das crianças autistas-família-escola, foi de fundamental importância, e através do questionário que fizemos com os funcionários da escola, especificamente com a professora atual sobre o conhecimento do conceito de autismo e suas características. A partir desses questionários, foi possível observar o relacionamento dos educadores com seus alunos autistas e também em especial os pais de Thiago, pois os mesmos sendo portadores também de autismo entendem que seu filho é autista e não se habilitam a acompanhá-lo aos tratamentos clínicos com profissionais da área, mas demonstram com afeto os sentimentos positivos de amor, carinho, atenção. Outros sentimentos como frustração, fracasso, agressividade, também são relevantes para o desenvolvimento de Thiago, pois observamos que em alguns momentos ele se mostrou ansioso em querer alcançar o mesmo nível de seus colegas, nas atividades proposta pela professora e isso fez com que demonstrasse com atitudes agressivas com seus colegas de classe, mas nada de grave.

Na escola Arthur Bispo, observamos que os professores estão longe das perspectivas de como lidar com situações contrárias ao qual estão acostumados, todos os dias o aluno Thiago é encaminhado à sala de apoio, onde permanece de uma a duas horas até o horário de ir embora, o que aumentava sua ansiedade de se juntar com os amigos e ir embora ao ônibus escolar, a psicopedagoga (...) desenvolve um trabalho bastante conhecido, ocupar aquele aluno com a atividade de projeção de um filme, já ele era muito bom nisso, Thiago é um autista funcional (autista que fala e tem desenvolvimento gradativo) e adora inventar filmes, designar personagens nos seus respectivos papéis, impressionante. O aluno Thiago estuda pouco mais que sete anos na escola Arthur Bispo e ainda não sabe ler e nem escrever direito,

mas desenvolve outras habilidades inatas.

Nossa proposta foi que a coordenadora da escola levasse ao conhecimento da secretaria da educação o problema de receber alunos autistas sem que os professores estejam preparados para trabalhar com esses alunos. Para isso seria preciso que fossem fazer um curso de capacitação acerca do autismo, abrangendo a todos os funcionários da escola, para aí sim inserir esses alunos no estabelecimento de ensino regular. Em especial recomendaria o curso TEACCH, que é um método onde a criança aprende vendo e fazendo. O TEACCH é psicoeducacional, se os alunos desta escola fossem inseridos nesse modelo de ensino para autistas certamente estariam lendo, e pela idade até escrevendo e redigindo textos pequenos, no método TEACCH as atividades são apropriadas ao nível de desenvolvimento deles.

As atividades propostas devem ser baseadas em uma organização de espaço e de materiais adequados, de forma que alcance a independência e o desenvolvimento cognitivo e sensorial dos alunos autistas.

Portanto é de extrema necessidade termos conhecimento acerca de tudo que envolve o mundo do autista.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CUNHA, Eugênio – **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família** / Eugênio Cunha. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Walk Ed., 2012.

FERREIRA, Luiz Antônio Miguel- **O Estatuto da criança e do adolescente e o professor: os reflexos na sua formação e atuação**. 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2010

_____, M. d. (1997). Educação Especial. Deficiência Mental. Brasília: Secretaria de Educação Especial

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.

THOMPSON, E. P. – **A formação da classe operária inglesa, 1: a árvore da liberdade**/ E. P. Thompson; Tradução de Denise Bottmann. – 6ª ed. – São Paulo: Paz e terra, 2011.

THOMPSON, Paul, 1935 - **A voz do passado: história oral** / Paul Thompson; Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

Cláudia Lais Costa Da Silva (**autora**) . Atualmente é professora da rede básica de Ensino no Colégio de Ciências Pura e Aplicada-CCPA .Leciona também Faculdade Pio Décimo, nos Cursos de Licenciaturas em Pedagogia e Letras / Português/Espanhol com as disciplinas: Alfabetização e Letramento, Avaliação Educacional, Leitura e Produção Textual,Linguística Textual, Práticas Pedagógicas . Autora do Projeto de Nivelamento em Língua Portuguesa intitulado como" Uma Janela para a Inclusão acadêmica e Social" em parceria com o Departamento de Licenciatura em Química (Faculdade Pio Décimo). Possui graduação em Letras/Português (UNIT) especialização em "Teorias do Texto e práticas pedagógicas" (UFS), com ênfase nas áreas de Linguística textual e Práticas Pedagógicas, Gêneros Textuais. Mestra em Educação e Comunicação pelo Programa de Stricto Sensu da Universidade Tiradentes. (PPED)..Professora na Universidade Tiradentes(UNIT) com a Disciplina Direito e Linguagem no Curso de Direito. Orientadora de TCC (No curso de pedagogia EAD).Professora da Pós-graduação Lato Sensu-Unit com a disciplina "A Construção da Leitura e da Escrita" no Curso de Psicopedagogia. Email: cacau_lais@hotmail.com

Marcia Penna Firme (co-autora). Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio De Janeiro. Pós-graduanda do Curso de Psicopeagogia da Universidade Tiradentes. Professora da Educação Básica/Aula Particular.

Email: mar_penf41@yahoo.com.br

Magna Maria dos Santos (co-autora) Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes. Pós-graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Tiradentes. Professora da Educação Básica da rede Estadual de Ensino.SE

E-mail: profamagna@gmail.com

Recebido em: 03/07/2015

Aprovado em: 03/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: